

Dia da Leitura

SESI

Cartilha Juvenil

SESI Sistema
FiERGS

SEXTA-FEIRA, 28 DE ABRIL DE 1944

Querida Kitty,

Nunca pude esquecer meu sonho com o Peter Wessel. Ainda hoje, ao lembrar, sentir a face do Peter contra a minha, essa sensação que tanto me maravilhou. Com o Peter daqui experimentava a mesma sensação, sim, mas nunca tão forte até... ontem, ao anoitecer, quando estávamos, como de costume, abraçados no sofá. De repente a Anne de todos os dias transformou-se numa outra Anne, naquela que não é divertida nem travessa, mas que quer ser terna e afável.

Estava muito junto dele e a comoção tomou conta de mim. As lágrimas vieram-me aos olhos, rolaram pelo meu rosto e molharam a camisa dele. Terá notado? [...]

Às oito e meia fui à janela onde costumamos nos despedir. Eu tremia, ainda era a Anne número 2. Ele foi falar comigo, eu pus os braços no pescoço e beijei sua face esquerda. Quando quis beijar a outra face, as nossas bocas se encontraram. Zonzos, nos apertamos um contra o outro, uma vez e outra vez, para nunca mais acabar!

Peter precisa de carinho. Pela primeira vez na vida descobriu uma garota e compreendeu que estas chatas têm também um coração e que são muito diferentes quando se está sozinho com elas. Pela primeira vez na vida fez amizade e se entregou a alguém. Nunca antes tinha tido um amigo ou amiga. Agora nos encontramos. Eu também não o conhecia, nunca tinha tido um confidente, e agora tudo isto se realizou.

IDEIAS PARA ADIAR O FIM DO MUNDO

Essa humanidade que não reconhece que aquele rio que está em coma é também o nosso avô, que a montanha explorada em algum lugar da África ou da América do Sul e transformada em mercadoria em algum outro lugar é também o avô, a avó, a mãe, o irmão de alguma constelação de seres que querem continuar compartilhando a vida nesta casa comum que chamamos Terra.

O PERIGO DE UMA HISTÓRIA ÚNICA

Quando comecei a escrever, lá pelos sete anos de idade – textos escritos a lápis com ilustrações feitas com giz de cera que minha pobre mãe era obrigada a ler –, escrevi exatamente o tipo de história que lia: todos os meus personagens eram brancos de olhos azuis, brincavam na neve, comiam maçãs e falavam muito sobre o tempo e sobre como era bom o sol ter saído. Escrevia sobre isso apesar de eu morar na Nigéria. Eu nunca tinha saído do meu país. Lá, não tinha neve, comíamos mangas e nunca falávamos do tempo, porque não havia necessidade. [...]

O que isso demonstra, acho, é quão impressionáveis e vulneráveis somos diante de uma história, particularmente durante a infância. Como eu só tinha lido livros nos quais os personagens eram estrangeiros, tinha ficado convencida de que os livros, por sua própria natureza, precisavam ter estrangeiros e ser sobre coisas com as quais eu não podia me identificar. Mas tudo mudou quando descobri os livros africanos. Não havia muitos disponíveis e eles não eram tão fáceis de ser encontrados quanto os estrangeiros, mas, por causa de escritores como Chinua Achebe e Camara Laye, minha percepção da literatura passou por uma mudança. Percebi que pessoas como eu, meninas com pele cor de chocolate, cujo cabelo crespo não formava um rabo de cavalo, também podiam existir na literatura. Comecei, então, a escrever sobre coisas que eu reconhecia.

O CONTO DA AIA

Você tentou comprar alguma coisa com seu cartão de débito na Compuconta hoje?

Tentei, disse. E lhe contei sobre aquilo também.

Eles congelaram as contas, disse ela. A minha também. A da cooperativa também. Qualquer conta com um F em vez de um M. Tudo que precisaram fazer foi apertar alguns botões. Estamos deserdadas. Confiscaram tudo.

Mas tenho mais de dois mil dólares no banco, eu disse, como se minha própria conta fosse a única que importasse.

Mulheres não podem mais possuir bens, disse ela. É uma nova lei. Você ligou a televisão hoje?

Não, respondi.

Está sendo anunciado sem parar, disse Moira. Em todos os lugares. Ela não estava atordoada da maneira como eu estava. De alguma forma estranha ela estava alegre, entusiasmada, como se isso fosse o que ela esperasse há algum tempo e agora ficara provado que estava certa. Parecia até mais cheia de energia, mais determinada. Luke pode usar sua Compuconta para você, disse ela. Vão transferir seu número para ele, ou pelo menos é o que dizem. Marido ou parente mais próximo do sexo masculino.

Mas e você?, perguntei. Ela não tinha ninguém.

Eu vou entrar na clandestinidade.

AS VANTAGENS DE SER INVISÍVEL

- Charlie, a gente aceita o amor que acha que merece.

CHBOSKY, Stephen. **As vantagens de ser invisível.**

São Paulo: Rocco, 2022

MEU PÉ DE LARANJA LIMA

- Eu acho que sua irmã tem toda a razão.

- Sempre todo mundo tem toda a razão. Eu é que não tenho nunca.

- Não é verdade. Se você me olhasse bem, você acabava descobrindo.

Eu levantei assustado e olhei a arvorezinha. Era estranho porque sempre eu conversava com tudo, mas pensava eu era o meu passarinho de dentro que se encarregava de arranjar.

- Mas você fala mesmo?

- Não está me ouvindo?

E deu uma risada baixinha. Quase saí aos berros pelo quintal. Mas a curiosidade me prendia ali.

- Por onde você fala?

- Árvore fala por todo canto. Pelas folhas, pelos galhos, pelas raízes. Quer ver? Encoste seu ouvido no meu tronco que você escuta meu coração bater.

A TERRA DOS MIL POVOS

Para o índio, toda palavra tem espírito. Um nome é uma alma provida de um assento, diz-se na língua ayvu. É uma vida entonada em uma forma. Vida é o espírito em movimento. Espírito, para o índio, é silêncio e som. O silêncio-som conta com um ritmo, um tom, cujo corpo é a cor. Quando o espírito é entonado, torna-se, passa a ser, ou seja, ganha um tom. Antes de existir a palavra “índio” para designar todos os povos indígenas, já havia o espírito índio espalhado em centenas de tons.

O OLHO MAIS AZUL

Durante anos achei que minha irmã tinha razão: a culpa foi minha. Eu as tinha plantado fundo demais na terra. Jamais ocorreu a nenhuma das duas que a própria terra pudesse estar improdutiva. Tínhamos jogado as sementes no nosso canteiro de terra negra exatamente como o pai de Pecola havia jogado as suas no canteiro de terra negra dele. Nossa inocência e nossa fé não foram mais produtivas do que a luxúria ou o desespero dele. O que está claro agora é que, de toda a nossa esperança, do medo, luxúria, amor e pesar, não resta nada além de Pecola e da terra improdutiva. Cholly Bredlove está morto; nossa inocência também. As sementes murcharam e morreram; o bebê dela também.

Sobre os autores

Anne Frank (Frankfurt, 1929 – Bergen-Belsen, 1945) foi uma jovem judia alemã que se tornou mundialmente conhecida por seu diário escrito durante o período em que viveu escondida da perseguição nazista na Segunda Guerra Mundial. Seu relato íntimo sobre medo, esperança e amadurecimento em meio à guerra foi publicado após sua morte como *O Diário de Anne Frank*, tornando-se um dos testemunhos mais marcantes do século XX.

Ailton Krenak (Itabirinha/MG, 1953) é líder indígena, ambientalista, filósofo e escritor brasileiro do povo Krenak. Sua obra reúne reflexões sobre a relação entre humanidade e natureza, crítica ao modelo de desenvolvimento contemporâneo e valorização dos saberes indígenas. Tornou-se um dos mais influentes pensadores brasileiros atuais, autor de livros como *Ideias para adiar o fim do mundo*.

Chimamanda Ngozi Adichie (Enugu, Nigéria, 1977) é uma das escritoras africanas mais reconhecidas da atualidade. Seus romances e ensaios abordam temas como identidade, colonialismo, migração e feminismo. Entre suas obras mais conhecidas estão *Americanah* e *Sejam todos feministas*, texto que ampliou seu alcance internacional ao discutir igualdade de gênero e representatividade.

Margaret Atwood (Ottawa, Canadá, 1939) é escritora, poeta e ensaísta canadense, reconhecida por sua produção literária que combina crítica social, ficção especulativa e reflexão sobre questões políticas e ambientais. Seu romance *O Conto da Aia* tornou-se um clássico contemporâneo, amplamente debatido por abordar temas como poder, controle social e direitos das mulheres.

Sobre os autores

Stephen Chbosky (Pittsburgh, EUA, 1970) é escritor, roteirista e diretor norte-americano. Tornou-se conhecido pelo romance *As Vantagens de Ser Invisível*, obra voltada ao público jovem que aborda temas como amizade, amadurecimento, saúde mental e descoberta da identidade na adolescência.

José Mauro de Vasconcelos (Rio de Janeiro/RJ, 1920 - São Paulo/SP, 1984) foi um escritor brasileiro cuja obra conquistou leitores de diferentes gerações. Seu livro mais famoso, *Meu Pé de Laranja Lima*, tornou-se um clássico da literatura brasileira, retratando com sensibilidade a infância, a imaginação e as dificuldades sociais vividas por um menino pobre.

Kaká Werá Jecupé (São Paulo/SP, 1964) é escritor, ambientalista e educador de origem indígena do povo Tapuia. Sua produção literária busca valorizar as tradições e a espiritualidade dos povos originários do Brasil, promovendo reflexões sobre cultura indígena, identidade e relação com a natureza.

Toni Morrison (Lorain, EUA, 1931 - Nova York, EUA, 2019) foi romancista, ensaísta e professora norte-americana, considerada uma das vozes mais importantes da literatura contemporânea. Suas obras exploram a experiência da população negra nos Estados Unidos, abordando memória, racismo e identidade. Recebeu o Prêmio Nobel de Literatura em 1993 e é autora de romances marcantes como *Amada* e *O olho mais azul*.

SESI

**Sistema
FIERGS**